

Entre a vida e o acaso

Por Tatiana Salem Levy

Valor, 02/01/2026

O novo e belíssimo romance, “Tudo sobre Deus”, José Eduardo Agualusa.

Na teoria de Gaia, os cientistas James Lovelock e Lynn Margulis apresentam a ideia da Terra como um organismo vivo. A biosfera, a atmosfera, as rochas e os oceanos funcionariam como um sistema único e autorregulador, mantendo as condições para a existência da vida. Em outras palavras, a Terra não seria uma superfície com as condições ideais para o surgimento casual da vida, mas um organismo que cria a própria vida. Digamos que a vida seria resultado de um trabalho conjunto, de cooperação, entre tudo o que aqui está, das rochas aos seres humanos. É uma teoria polêmica, rejeitada pela grande maioria dos cientistas, sobretudo os evolucionistas, como Richard Dawkins.

Não vou entrar no mérito científico, pois meu conhecimento é apenas, digamos, literário. Acho muito mais bonita a ideia de cooperação, da Terra como organismo vivo, do que a ideia de competição, que nos teria feito chegar até aqui. Não tenho a menor ideia se José Eduardo Agualusa conhece a teoria de Gaia, mas seu novo e belíssimo romance, “Tudo sobre Deus” (que sairá pela Tusquets no primeiro semestre), conta a história de Leopoldo G. Borges, poeta e geólogo angolano, que “também gostava de imaginar a Terra como um organismo vivo. Achava que deveríamos escutar”.

A escuta está no cerne do romance. A poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner concebia a poesia como um ato de escuta profunda do silêncio e do mundo. No poema “Escuto”, diz ela: “Escuto mas não sei /se o que oiço é silêncio / ou Deus”. Estes versos poderiam aparecer como epígrafe do romance de Agualusa, mas ele escolheu versos do próprio Leopoldo: “Tudo o que aprendi sobre Deus /cabe no buraco de uma agulha./ O resto é a agulha”, revelando outra qualidade deste livro: um humor aguçado. “Tudo sobre Deus” nos faz ouvir a Terra com Leopoldo, nos fazer ver o belo, nos faz meditar sobre a existência e o vazio, sobre a vida e a morte, e nos faz dar altas gargalhadas. Para mim, não há nada melhor do que um livro que conjuga angústia e medo com beleza e riso.

A narrativa é uma espécie de biografia poética de Leopoldo, que já está morto quando o narrador escreve. A partir de seus diários e de conversas com Ana Maria, ex-mulher e mãe da filha, o narrador se aproxima dos últimos dias de vida do geólogo. Depois de saber pela médica, e amiga de infância, que tem apenas alguns meses de vida - “talvez um ano, se tiveres mesmo uma enorme paixão pela vida...” -, Leopoldo compra uma igreja abandonada no deserto do Namibe, em Angola, junto a um enorme penhasco debruçado sobre o Atlântico. É para lá que se muda ao lado de Inácio Brita Capitanga, o órfão que cresceu com ele e se tornou quase um irmão.

Um homem no fim da vida se desloca para uma paisagem de fim do mundo; e, no entanto, o fim vai se confundindo com o início, a realidade com a ficção, em espirais que provocam aquilo que a médica anunciou para Leopoldo: vertigens, alucinações visuais ou sonoras, tremores de terra. Isso é o que acontece quando ele escuta a Terra, num encontro entre o seu trabalho de geólogo e o de poeta.

O sobrenome de Leopoldo é uma clara homenagem a Jorge Luis Borges, que também surge no romance. A estrutura do livro dialoga com a estrutura dos contos de Borges, com a ideia do sonho dentro do sonho e de nós como personagens do sonho de alguém. Talvez a Terra sonhe e sejamos personagens de seus sonhos. “Será que existimos mesmo, ou apenas existimos na imaginação de alguém?”, pergunta Gaia, num dos belos momentos entre pai e

filha. Pergunta que só se responde com outro sonho, ou seja, com outra narrativa, e assim poderíamos ficar até o fim dos tempos, que nunca acaba: “Morremos, e a morte é o fim, mas não deixamos de existir. O que foi criado existe para sempre. Existe desde sempre. Todas as pessoas que nós fomos sendo ao longo do tempo, essas pessoas não deixam de existir. Continuam lá, onde quer que as tenhamos deixado, naqueles instantes perpétuos. Não morrem com a nossa morte”.

“Tudo sobre Deus” é também um romance sobre a relação entre um pai e uma filha. Gaia é o nome da filha de Leopoldo, uma homenagem, se não à teoria de Lovelock e Margulis, certamente à deusa grega. Que outro nome poderia receber a filha desse pai apaixonado por ela e pela Terra? Na mitologia grega, Gaia é a deusa primordial, que gerou sozinha o céu, o mar e as montanhas; gerou também os doze titãs, dos quais se destaca Cronos, o mais terrível de todos, conhecido por comer os próprios filhos. Gaia é a mãe-Terra, a origem.

Na sua igreja abandonada, Leopoldo, que espera a morte, espera também um eventual retorno da filha, desaparecida quatro anos antes. Aos 14, Gaia fugiu do pai, com o namorado mais velho. E nunca mais deu sinais de vida. Leopoldo se consome pela culpa, pois foi ele, com sua ira, que provocou tal sumiço. “Leopoldo foi sempre o pior inimigo dele mesmo”, revela Ana Maria, pouco depois de afirmar que “a ira é um dos melhores defeitos de Leopoldo”.

A fúria constrói a sua poesia, que surge como alternativa à violência. Diz ele, numa entrevista: “Havia muita raiva dentro de mim. Primeiro, antes da independência, raiva contra o colonialismo. A seguir a 1975, raiva contra os movimentos de libertação, que se matavam uns aos outros. (...) sentava-me de noite, sozinho, no quintal, a escrever poesia, mas era como se estivesse a cortar cabeças”. No entanto, algumas vezes ele não contém a violência, como no episódio em que se levanta e dá um soco na cara de um escritor português com quem dividia uma mesa-redonda. É essa violência que acaba por levar Gaia a desaparecer por tantos anos.

Diante da certeza da morte, muitas incertezas surgem e são elas que compõem os cadernos de Leopoldo, nos quais ele expõe pensamentos sobre a solidão, a Teologia do Acaso, a culpa e o arrependimento, sobre Deus, que ele chama de Grande Deus Acaso. Diz ele: “Tudo o que começa por acaso tende a perdurar - o universo, os antibióticos, a insulina, o LSD, o cubismo, o queijo Roquefort”. O Deus de Leopoldo não tem moral e, por isso, é mais coerente e confiante, pois não exige nada em troca. Ele atua, mas não julga. Nessa teologia, “a fé é a cortina que colocamos entre a vida e o acaso. Assim, não vemos o vazio troçando de nós, às gargalhadas”.

Que ele está lá e ri, não há como negar. Talvez ria mais do nosso medo do que da nossa finitude. Talvez ria justamente porque nada acaba, tudo se transforma, e o medo seja sempre uma forma de narcisismo diante da morte do “eu”. Leopoldo escuta a Terra, pensa o planeta como um organismo vivo, sabe-se parte de um todo e, no entanto, morre de medo do nada. “Um terror incomensurável. Assusta-me deixar de existir”, revela o poeta a Malak al Maut, o homem que de repente aparece na igreja para lhe revelar que a parede é oca e que, dentro dela, há outra igreja, como dentro do sonho há outro sonho e dentro da morte há outra vida - e dentro da gargalhada do vazio existe a nossa, a melhor resposta que podemos lhe dar: rir de volta.

E também a melhor forma de começar 2026. Que seja um ano divertido e belo, para todos nós.

Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente
E-mail: tatianalevy@gmail.com